

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
CURSO DE PSICOLOGIA**

INGRID CAMILLA ANDRADE RODRIGUES

**TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL NA
ADOLESCENCIA: UM ENFOQUE WINNICOTTIANO**

ATIBAIA/SP

2020

INGRID CAMILLA ANDRADE RODRIGUES

**TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL NA
ADOLESCENCIA: UM ENFOQUE WINNICOTTIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia no Centro Universitário
UNIFAAT, sob a orientação do Prof. Me.
Rafael da Nova Favarin

ATIBAIA/SP

2020

CURSO DE PSICOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

INGRID CAMILLA ANDRADE RODRIGUES

**Título: TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL NA
ADOLESCENCIA: UM ENFOQUE WINNICOTTIANO**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, para apreciação do Professor Orientador Me. Rafael da Nova Favarin, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Conceito _____.

Atibaia, SP, ____ de _____ de 2020.

Professor Orientador Me. Rafael da Nova Favarin

Dedico à minha família, luz da minha vida
nos momentos sombrios.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus, que me deu resiliência e determinação para concluir esse processo.

Ao meu orientador, Rafael da Nova Fararin, que me orientou com seu conhecimento ímpar, auxiliando-me com competência e maestria, na construção do trabalho.

Aos meus professores, pelos ensinamentos riquíssimos, por meio da apresentação do mundo da psicologia, que me proporcionaram uma nova perspectiva de mundo, com uma visão mais crítica e contextualizada da realidade.

Aos meus pais, Iara Andrade Marucci e Carlos Rodrigues, meus maiores incentivadores, por me ensinarem a caminhar em direção dos meus sonhos e conquista-los. Pelo inestimável amor e cuidado, incontestável apoio, pelas palavras sábias que me tornaram a mulher que sou hoje.

As minhas queridas amigas, em especial, Lorena Fontes, Luana Caroline Antunes e Ana Gabriela Fonseca, por sempre acreditarem em mim, pela ajuda e acolhimento nos momentos difíceis, e alegria compartilhada.

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o
jovem não é sério. O jovem no Brasil nunca
é levado a sério.
(Charlie Brown Jr.)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo, ampliar a compreensão sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial na adolescência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, construída por meio do levantamento bibliográfico, de livros e artigos de cunho científico, tendo D.W. Winnicott, como principal canal de conhecimento, e outros autores que contribuíram significativamente para este estudo. Primeiramente, foi investigado os aspectos inerentes à adolescência, principalmente as mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais, que tem impacto na construção da identidade. E feito o resgate ao histórico do transtorno, com um apanhado da psiquiatria, que aproximou à psicopatia a personalidade antissocial. Posteriormente, abordou-se uma perspectiva winnicottiana acerca dos comportamentos antissociais, em destaque, o conceito de privação. Nesse processo de privação, há o carecimento de características essenciais no âmbito familiar. Ao indivíduo perceber a falha ambiental acometida, sua personalidade sofre uma distorção. Conclui-se que, a sociedade interpreta os atos antissociais como uma delinquência, estigmatizando o adolescente, como “violento e marginal”. Faz-se necessário, um olhar analítico e contextualizado, conforme a realidade sociocultural, e as condições oferecidas pelo ambiente a este adolescente. Dado que, esses são aspectos de valor impactante na vida do indivíduo. Compreende-se que, os comportamentos antissociais, são uma atuação do adolescente, que visa o suprimento da falha ambiental, em um ato de esperança de recuperar a experiência inicial boa, caracterizando, um pedido de ajuda.

Palavras-chave: Adolescência. Antissocial. Deprivação. Psicanálise.

ABSTRACT

The research aimed to broaden comprehension about Antisocial Personality Disorder at adolescence. It's a qualitative research, developed by bibliographic data collection in books and scientific articles, being D.W. Winnicott the main reference, beside other authors, which contributed importantly to this study. First, the aspects inherent to adolescence were investigated, mainly the physiological, psychological and social changes, which have impact on identity construction. And the historical disorder was recovered, with psychiatric research, which leads psychopathy to antisocial personality. Subsequently, a Winnicottian perspective on antisocial behaviors was approached, with deprivation's concept. At this deprivation's process, a lack of essential characteristics on family scope can be noticed. When the individual perceives the failure of the environment, his personality gets distorted. The conclusion is that society interprets antisocial acts as delinquency, stigmatizing adolescents, as "violent and marginal". It's necessary an analytical and contextualized view, according to the socio-cultural reality, and the conditions offered to the adolescent by the environment. As these are impacting aspects for the individual's life. It's understandable that the antisocial behaviors are adolescent's acting out, which aims to supply the environmental failure as an act of hope to rescue the first good experience, characterizing a notable request of help.

Keywords: Adolescent. Antisocial. Deprivation. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O ADOLESCENTE E O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	12
1.1 O Adolescer: o conceito e a construção da identidade.....	12
1.2 O Histórico do Transtorno de Personalidade Antissocial.....	14
2 WINNICOTT: A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL	18
DISCUSSÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o adolescente com a conduta delinquente e delituosa possui o estigma de marginalizado. Essa perspectiva parte do princípio de um olhar sensacionalista dos conjuntos de meio de comunicação que retratam a violência acometida nas ruas como um espetáculo midiático, tornando-se um cenário habitual socialmente. Neste contexto, percebe-se que muitos destes adolescentes acabam recebendo o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial (DSM 301.7). Portanto, o presente estudo pretende ampliar a compreensão acerca do sujeito com o transtorno, identificando suas características e comportamentos no âmbito social.

O interesse pela temática se dá pela curiosidade de compreender o fenômeno em suas ocorrências, especificamente na fase vital da adolescência com um enfoque psicanalítico que permita investigar a psicodinâmica antissocial.

Compreende-se que é relevante para o profissional de psicologia aprofundar-se à realidade de adolescentes que recebem tal diagnóstico. Desta forma, a Psicologia enquanto ciência deve fomentar a discussão da temática, para que se adentre a dimensão da problemática, propiciando um impacto que dê suporte ao enfrentamento desse aspecto social. A intenção deste estudo é de contribuir para mais uma pesquisa aos conhecimentos acadêmicos, e potencializar o desenvolvimento de novos conteúdos que abrangem a temática.

Outro ponto que se destaca, é de viés social, uma vez que com a investigação desta temática possibilitará a sociedade acesso às informações e conteúdo que possuem base científica, distanciando-se da concepção estabelecida pela mídia, noticiários e outros meios de comunicação. Busca-se uma reflexão de caráter social e singular, contextualizada à realidade, bem como uma leitura crítica que rompa com o estigma social e a marginalização que é fadado ao adolescente.

A metodologia adotada nesta pesquisa será com base no levantamento bibliográfico da literatura científica, entre os quais: livros e artigos científicos, tendo as contribuições de D. W. Winnicott como principal canal de conhecimento, bem como o suporte de autores com base teórica psicanalítica da literatura contemporânea e clássica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que o pesquisador permeia com a sua subjetividade no processo de construção de conhecimento científico.

A pesquisa foi realizada com as seguintes bases de dados: Google Acadêmico, BVS Psi, SciELO, entre outras fontes. Os artigos selecionados atendem publicações entre 2010 a 2020, e outros significativos, sobretudo, textos clássicos, para a construção deste trabalho.

Medeiros conforme Winnicott (1958/1999):

A tendência antissocial fundamenta-se em uma privação ocorrida no passado da criança, em um momento em que ela já consegue perceber que a falha é ambiental, ou seja, quando apresenta uma diferenciação mínima entre o eu e a realidade. De acordo com o autor, a criança com tendência antissocial perdeu algo de bom que ocorreu em sua vida, e a duração dessa retirada extrapolou o tempo em que ela teria sido capaz de reter a lembrança do objeto e da experiência vivenciada, caracterizando a deprivação. Os comportamentos delinquentes seriam uma tentativa de reencontrar o objeto e a experiência que foram perdidos e de reconquistar a autoconfiança (MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017, p. 278).

As explicações de Winnicott (1958/1999) relatam que a tendência antissocial denota de brigas ou excesso de intimidações. Dentre os episódios estão: roubos, fuga, crueldade direcionadas a pessoas e/ou animais, mentiras, constantes ataques de birras e desobediência grave, entre outros (WINNICOTT, 1958/1999 apud MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017).

Dessa forma, esta pesquisa parte da seguinte questão: como compreender os comportamentos antissociais? A hipótese é de que os comportamentos antissociais são um pedido de ajuda do adolescente. Seu objetivo geral pretende ampliar a compreensão sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial na adolescência e os objetivos específicos buscam compreender o histórico da adolescência no âmbito da cultura e identificar comportamentos e características deste transtorno.

A construção dos capítulos desse estudo visou contemplar a adolescência e o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial. O primeiro capítulo destinou-se aos aspectos provenientes da adolescência. Dentre os pontos discutidos estão: o conceito geral da adolescência, como se dá a construção da identidade pessoal e a visão psicanalítica acerca deste período vital. Além disso, destaca-se a construção histórica e representações sociais do Transtorno de Personalidade Antissocial. Para tanto, realizou-se um levantamento da literatura psiquiátrica, principalmente de Emil Kraepelin, um dos principais autores que aproximaram à psicopatia a personalidade antissocial.

O segundo capítulo dedica-se a identificar os comportamentos e características de adolescentes que possuem tal diagnóstico, fundamentando-se em

Winnicott, e outros autores da literatura científica que contribuíram significativamente a construção deste estudo.

1. O ADOLESCENTE E O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

O Transtorno de Personalidade Antissocial, é um diagnóstico típico à adolescência. Esse é um momento permeado por transformações profundas, sendo propício o desencadeamento dos comportamentos antissociais, por isso, é necessária uma contextualização desse ciclo vital.

1.1 O Adolescer: o conceito e a construção da identidade

A literatura concebeu o conceito de adolescência recentemente, considerando-se um período vital em que o indivíduo permeia as transformações e adaptações que direcionam o adolescente para a vida adulta (BIANCULLI, 1997 apud SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010). Vale ressaltar que a expressão “adolescência” tem origem do latim e que significa “crescer” (COUTINHO, 2009).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (WHO,1965 apud SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010), a adolescência é delineada como um período biopsicossocial, que está localizada entre os 10 aos 20 anos. No Brasil (1990), para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a fase adolescente é dos 12 aos 18 anos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010, p. 277).

A Psicologia enquanto área da ciência evidentemente buscou colaborar com estudos que compreendem as nuances sociais e problemáticas vivenciadas na adolescência. Em 1976, o psicólogo Erick Erickson em um ato pioneiro institucionalizou a adolescência, propondo a fase de desenvolvimento moratória, uma linha tênue entre a infância e vida adulta em que o adolescente enfrenta a confusão de papéis, afetando o estabelecimento de sua identidade própria (BOCK, 2007).

Após os estudos de Erickson (1976), outros autores surgiram contribuindo com suas pesquisas. Vale destacar o trabalho de Aberastury e Knobel (1981), com o livro intitulado *Adolescência Normal: Um Enfoque Psicanalítico*, que instituem o termo “A síndrome normal da adolescência”, que descreve que a sintomatologia do adolescente é demarcada pela busca de si mesmo, tendo como destaque o caráter detentor da procura de identidade e forte tendência de se juntar a um grupo, destacando a necessidade urgente de intelectualizar e fantasiar. Outro aspecto são

as crises religiosas, que podem ser manifestas desde o misticismo mais fervoroso, ou ao ateísmo mais intransigente.

Neste período, segundo os autores, ocorre a deslocalização temporal, característica eminente de um pensamento primitivo. É perceptível a evolução sexual, que se manifesta no autoerotismo à sexualidade genital adulta. A potente ação reivindicatória, que são expressas por tendências antissociais de inúmeras intensidades. As condutas do adolescente percorrem por contradições contínuas, sendo mediadas pelas suas ações, que concebe o conceito de expressão normal ao período vital. Torna-se notório, que gradualmente, o adolescente viabiliza a sua separação dos pais. Por último, os autores enfatizam as abruptas mudanças no estado de ânimo, e instabilidade de humor (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Conforme Brêtas et al. (2009) a adolescência é a etapa da vida que transita entre a infância e a idade adulta, marcada pelo desenvolvimento e intenso crescimento que é permeada por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Por sua vez, tendo a sexualidade como canal significativo para o desenvolvimento da personalidade que afeta o processo de aprendizagem, a saúde mental e física do adolescente.

É evidente a alteração psicológica que se conecta com as transformações físicas, em uma resignificação da relação com os pais, que foi constituída na infância, com uma nova ligação com o meio em que está inserido. O adolescente, em um processo doloroso e progressivo, elabora o luto de seu corpo e identidade infantil. Na medida em que, o corpo amadurece, o adolescente se incorpora ao mundo, proporcionando uma nova percepção de sua imagem e identidade. Ao entrar em contato com essas mudanças, o adolescente precisa alcançar uma ideologia, que lhe firme em sua adaptabilidade ao mundo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Os autores, ainda destacam que, a perda da identidade infantil, resulta na procura de uma nova identidade, que se desenvolve na esfera consciente e inconsciente. Frente ao longo processo de transformação, o adolescente vagueia entre flutuações de identidade, em ações bruscas, que podem se materializar em constantes mudanças de estilo visual.

O psicanalista Grinberg retratou o sentimento de identidade no adolescente:

Implica a noção de um ego que se apóia essencialmente na continuidade e semelhança das fantasias inconscientes referidas primordialmente às sensações corporais, às tendências e afetos em relação aos objetos do mundo interno e externo às ansiedades correspondentes, ao funcionamento

específico em qualidade de intensidade dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas, resultantes dos processos de introjeção e projeção (GRINBERG, 1961 apud ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 32)

Levisky (1998) descreve que as transformações experimentadas na adolescência, são responsáveis pela busca do jovem por modelos que lhe auxiliam a formar a sua própria identidade adulta. Sendo este, um período de grande vulnerabilidade e passível a influências externas que são destrutivas e construtivas. Nesse período, muitos adolescentes apresentam uma conduta impulsiva, se envolvendo com acidentes de trânsito, abuso de drogas, suicídio ou assassinato.

1.2 O Histórico do Transtorno de Personalidade Antissocial

O campo psiquiátrico perpetuamente se deparou com indivíduos que se enquadravam à insanidade mental, sem a aparição de sintomas como: alucinações, déficits ou delírios (MORANA, 2003). Em 1801, Pinel cunhou a expressão “manie sans délire” aos pacientes que não apresentavam a sintomatologia alucinatória e distúrbio de entendimento, embora com perceptíveis indícios de insanidade mental (MURRAY, 1997 apud MORANA, 2003).

Lombroso (1880) desenvolveu a teoria do “delinquente nato”, em que infere sobre a identificação do criminoso por meio da estrutura facial e simetria corporal, propondo que há uma ligação entre a tendência criminal e a personalidade do indivíduo (HENRIQUES, 2009).

A atribuição do termo “psicopático” surge na escola psiquiátrica alemã em meados do século XX, por Koch (1891), em sua obra “As Inferioridades Psicóticas” (HENRIQUES, 2009).

Henriques (2009) destaca que a literatura psiquiátrica oitocentista empregava o termo “psicopata” que deriva do grego psyché (alma) em conjunto com pathos (paixão, sofrimento), de modo amplo, designando aos doentes mentais em sua plenitude, sem correlação ao Transtorno de Personalidade Antissocial.

Emil Kraepelin foi um dos grandes membros da escola psiquiátrica alemã do final do século XIX e início do século XX. Destacou-se por colaborar com o seu trabalho de classificação e organização das doenças mentais (SHINE, 2000). Em 1904, contribuiu para o avanço do conceito de psicopatia em direção ao antissocial, com o desenvolvimento das tipologias negativas de seu Tratado de Psiquiatria.

Kraepelin classificou as personalidades psicopáticas e estabeleceu uma fronteira entre a psicose e a psicopatia (HENRIQUES, 2009). Kraepelin (1904) afirmou que “psicopatia é um campo intermediário entre os estados patológicos manifestos e os estados no limite das neuroses” (ZAC, 1977, apud BITTENCOURT, 1981, p. 22).

Conforme Henriques (2009), no século XX, com as transformações histórico-culturais, e crescente predominância da psicanálise e de fenomenologia, percebeu-se um impacto em torno do âmbito psiquiátrico germânico, com a ascensão do conceito de neurose. Nesse contexto, Hervey Milton Cleckley (1903-1984), psiquiatra anglo-saxão, foi responsável por um delineamento da psicopatia associada ao antissocial. Cleckley em sua obra *The Mask Of Sanity* (1941), retrata a psicopatia como uma “demência semântica”, demarcado por um déficit quanto à percepção dos sentimentos em sua concepção mais profunda (HENRIQUES, 2009).

Robert Hare (1991 apud MORANA, 2003) deu continuidade aos estudos de Cleckley (1988), no campo forense e propõe a Escala Hare PCL-R (Psychopathy Checklist Revised), que favoreceu a identificação da psicopatia, diante da dificuldade diagnóstica, por meio do reconhecimento de características mórbidas que conjectura comportamentos antissociais e tendência delituosa, que corresponde ao conceito de psicopatia.

Percebe-se a associação do Transtorno de Personalidade Antissocial com a Psicopatia por consequência de os psicopatas possuírem recursos antissociais. Além disso, demonstram insensibilidade, afetação superficial, manipulação e charme superficial. Apesar de alguns indivíduos diagnosticados com Transtorno de Personalidade Antissocial, portar traços psicopáticos, e haver esse compartilhamento de semelhanças, o processo psicobiológico subjacente tem de ser diferente. Atualmente, os critérios diagnósticos do Transtorno de Personalidade Antissocial, se baseiam predominantemente aos comportamentos, em dessemelhança a psicopatia, que considera as características afetivas e interpessoais, além dos critérios comportamentais (GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013).

O DSM-V (APA, 2014) apresenta critérios para o diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial, que indicam no indivíduo um padrão de comportamento difuso que viola e desconsidera os direitos das pessoas e que é predominante ao início dos 15 anos de idade. Aponta-se a falha em se adaptar às normas sociais e cumprir a legalidade, vista em atos que levam a detenção,

propensão à falsidade, conforme o uso acerbado de mentiras, notado em utilizações de nomes falsos e trapagens que lhe trazem satisfação pessoal.

Esses indivíduos não são capazes de executar planos para o futuro, sendo marcados por um comportamento impulsivo, que resulta em fracasso. A irritabilidade e agressividade são observadas nas lutas e agressões físicas. Não há preocupação com a sua própria segurança ou com a dos outros. Há a presença de uma contínua irresponsabilidade, que se evidencia na falha permanente de sua conduta adequada no trabalho ou de suprir as obrigações financeiras e o carecimento de remorso, em concordância com a indiferença e racionalização perante ter maltratado, ferido ou roubado indivíduos. Além disso, o indivíduo deve apresentar minimamente 18 anos de idade, com antecedentes de transtornos da conduta.

As pesquisas epistemológicas que se baseiam nos critérios do DSM-V revelam uma prevalência de 2-3% da população geral, com a estimativa de 3% no sexo masculino e 1% no sexo feminino (GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013).

Conforme Glenn (GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013) com os resultados de crescentes pesquisas, percebe-se que há influência de fatores biológicos (genéticos, fisiológicos, neurobiológicos) e ambientais, que contribuem ao desenvolvimento e a manutenção do Transtorno de Personalidade Antissocial. Os autores afirmam que aproximadamente metade da variação do comportamento antissocial, provém de fatores genéticos.

Barnes, Beaver e Boutwell (2011, apud GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013) contribuíram significativamente ao campo da genética, evidenciando que o surgimento do comportamento antissocial, pode diferir em concordância com a trajetória de desenvolvimento constituída por Moffitt. O modelo de Moffitt (1993) estabelece dois grupos de infratores, o primeiro, destina-se aos que manifestam comportamentos antissociais ao longo da vida, com o surgimento na infância, prolongando-se à fase adulta, em que os problemas aparecem de modo relativamente estáveis, e o segundo, apresenta exclusivamente comportamentos antissociais na adolescência. Barnes, Beaver e Boutwell (2011 apud GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013), em uma pesquisa com pares de irmãos, verificaram que os fatores genéticos ao serem classificados em consonância com os dois grupos de infratores de Moffitt, demonstraram uma porcentagem maior da variação, sugerindo que as influencias ambientais tem maior predomínio ao desenvolvimento de ofensas restritas ao adolescente. Constatando que, embora os fatores genéticos ajam

predominantemente no comportamento antissocial, há uma porcentagem de influencias ambientais (BARNES; BEAVER; BOUTWELL, 2011 apud GLENN; JOHNSON; RAINE, 2013).

Tendo em vista, as contribuições dos autores na compreensão do Transtorno de Personalidade Antissocial, no que se refere às influências ambientais, como poderíamos correlacionar este aspecto influente à tendência antissocial na adolescência, sendo tão típico nesse período de desenvolvimento humano? Afinal, qual é o papel do ambiente?

2. WINNICOTT: A TENDÊNCIA ANTISOCIAL

A adolescência é um período vital constantemente permeado por comportamentos antissociais que são retratados de forma isolada e transitória. O desenvolvimento e a persistência do comportamento antissocial, está interligado aos aspectos individuais, sociais e familiares do indivíduo (BORDIN; OFFORD, 2000).

Os comportamentos antissociais são caracterizados por atos que infringem as regras, expectativas sociais e o desvio das normas, que correspondem ao contexto em que o indivíduo está inserido (DIAS; OLIVEIRA-MONTEIRO; AZNAR-FARIAS, 2014).

Mello (2011) declara que a tendência antissocial, poderá ser revelada no lar ou em outros âmbitos. O adolescente é estigmatizado como desajustado, podendo este receber uma intervenção em um alojamento, ou ser encaminhado aos tribunais e ser taxado de incontrolável e delinquente, com a possibilidade de futuramente torna-se um jovem adulto psicopata.

Com essa perspectiva, os psiquiatras Bordin e Offord (2000), afirmam que o baixo nível socioeconômico, contribui para a incidência de comportamentos antissociais. Outro fator descrito é a predominância no sexo masculino do que no sexo feminino, dado que possuem mais agressividade que são expressas por meio da quebra de regras, hiperatividade, comportamentos agressivos e antissociais (SHAFFER; KIPP, 2010, apud DIAS; OLIVEIRA-MONTEIRO; AZNAR-FARIAS, 2014).

As psicólogas Vilhena e Maia (2003, apud MOREIRA et. al, 2009, p. 689) descrevem que a agressividade e a tendência antissocial percorrem inúmeras direções, que dependem do papel familiar: “Deve ser o lugar de referência e suporte à agressividade do bebê, da criança e, no futuro, do adolescente que infringe as leis sociais”. A violência que permeia socialmente é resultado da “falha básica” familiar, uma vez que ela é responsável por conter os impulsos agressivos. O psicanalista inglês Winnicott (1987, apud MOREIRA et al., 2009) declara que a tendência antissocial que percorre os lares, pode vir a ser uma destrutividade, delinquência e violência.

No entanto, a constituição das relações familiares está permeada por diversos modelos de influência social, conforme os grupos socioculturais, os quais interferem

diretamente nos padrões de definição das relações básicas, salientando os cuidados, proteções, afetos e atenções direcionadas aos filhos, entre outros (SOUZA FILHO; BELDARRAIN-DURANDEGUI, 2010).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (apud Marteleto; Pimenta, 2017), analisou em seus estudos que os conjuntos que compõem o espaço social se configuram como microcosmos, que operam como campos. Os microcosmos sociais (os campos) atuam como pertencentes de um macrocosmo (o espaço social). Neste ponto é de suma importância evidenciar a atuação da família como um microcosmo, que efetivamente absorve as influências do coletivo social.

Para Winnicott (apud LONDERO; SOUZA, 2016) o âmbito familiar detém de um valor significativo ao sujeito, e deve auxiliá-lo no primeiro tratamento dos comportamentos antissociais, agindo na remissão dos sintomas e no restabelecimento do desenvolvimento emocional do indivíduo, para tanto, é necessário o suprimento das falhas acometidas. O ambiente deve estar aberto ao diálogo, para que facilite a integração da impulsividade da criança. A família é responsável por exercer o seu papel social, sem usufruir de punição ou retaliação.

Segundo Moreira et al. (2009), as ações violentas dos adolescentes são um reflexo da falha do ambiente, que implica em um futuro comprometido que se torna uma revivescência dos papéis familiares. Para a autora, “muitos deles procuram um sentimento de pertencimento e de inclusão, contudo, quando isto não se dá, o laço social se estabelece pelo uso abusivo da violência e da destrutividade” (MOREIRA et al., 2009, p. 689).

Mello (2011), descreve que há duas vertentes da tendência antissocial: o roubo e a destrutividade. O roubo, reflete a busca incessante pela esperança, e a destrutividade, refere-se a procura da estabilidade emocional que dê suporte ao seu comportamento impulsivo. Nesta ótica, o indivíduo esforça-se para suprir o ambiente, que foi perdido, com suas ações delinquentes. Segundo Winnicott (1987, p. 132) “o furto está no centro da tendência antissocial, associado à mentira. A criança que furta um objeto não está desejando um objeto roubado, mas a mãe, sobre quem ela tem direitos.”

Winnicott (1987) frisa que a relação da criança com a figura materna, está associada com o roubo e a mentira. Com a utilização do roubo, possibilita à criança a busca de algo que lhe preserve a esperança. A esperança de possuir aquilo que lhe é de direito, que a criança julga ser a mãe. Isso ocorre através da idealização da

mãe, que se torna o objeto a ser encontrado pela criança. O que importa para a criança, não é simplesmente a obtenção do objeto, mas o modo que irá obtê-lo, concluindo que o prazer está no ato de roubar em si.

Já a destrutividade, está associada à relação com a figura paterna. Nesta última, o indivíduo tem o ato de provocar reações do meio, buscando por um sistema cada vez mais amplo, que parte inicialmente do corpo da mãe, e estende-se ao relacionamento com os pais, família, a escola, o país e suas leis. Com essa ótica, a vertente dos comportamentos antissociais referente à figura paterna, percorre por meio da busca em prol da provisão ambiental perdida. Uma estabilidade ambiental que lhe dê suporte ao impacto do comportamento impulsivo. Uma ação que propicia a liberdade do indivíduo, de mover-se, agir e excitar-se (WINNICOTT, 2000).

Para Winnicott (2000), a adaptação da mãe frente às necessidades da criança, favorece a habilidade da criança em encontrar objetos de maneira criativa. A mãe desempenha o papel de introduzir para a criança o uso do mundo criativo. No momento em que, isso falha, há a perda da capacidade de encontrar objetos de modo criativo, inviabilizando o contato com os objetos. Em um gesto compulsivo, a criança furta um objeto, podendo as vezes, sentir-se enfurecida à sensação da compulsão, sem saber o porquê de agir deste modo. Evidentemente, o item roubado não proporciona satisfação, dado que não é o objeto de busca. A satisfação que ocorre, refere-se à forma que a criança pode atuar diante do momento de esperança.

Mello (2011, p. 690) sob a perspectiva winnicottiana afirma:

Quando o ambiente, por alguma razão, fracassa em dar força ao ego incipiente, surgem às condições impositivas que possibilitam uma submissão à realidade externa, em vez do desenvolvimento da capacidade de uma abordagem criativa dos fatos. Esta é a origem de modos de subjetivação marcados pela agressividade patológica e a violência, como as condutas antissociais e a delinquência. Não há, nesses casos, a possibilidade de uso de um espaço simbólico, o espaço transicional, nos termos de Winnicott, pois este só pode ser construído com base num sentimento de confiança relacionada à fidedignidade da figura materna.

Conforme Maia et al. (2007) a perda da experiência inicial boa é o eixo dos comportamentos antissociais, a criança desenvolve a percepção acerca da falha do ambiente. Consequentemente, ocorre à distorção da personalidade do indivíduo, e em um ato de impulsividade busca por um novo ambiente para curar-se. Winnicott denominou esse processo de deprivação. Segundo Winnicott (1987, p. 130) “Uma criança sofre privação quando passam a faltar características essenciais da vida

familiar. Torna-se manifesto um certo grau do que poderia ser chamado de complexo de privação”.

Winnicott (2000), afirma que a criança no estado de deprivação, identifica a perda de algo de caráter positivo em sua vida. A extensão de um longo período de desaparecimento, impossibilita que a criança armazene a memória viva da experiência boa.

Os psicólogos Justo e Buchianeri (2010, p. 124) destacam que no período da deprivação, ocorre à desorganização mental da criança, “suas ideias e seus impulsos agressivos perdem sua espontaneidade e a ansiedade torna-se tão grande que o ato de experimentar sua agressividade acaba sendo impossível, entrando num estado de resignação”.

De acordo com Londero e Souza (2016, p. 547):

No âmbito dos comportamentos antissociais há, por trás do sofrimento vivenciado, um histórico de falhas produzidas por um ambiente que não foi suficientemente bom, na medida em que não se ajustou as demandas do bebê, durante os estágios de dependência. Apesar de muito pequeno o bebê não consegue organizar-se para defender-se da ansiedade originada da falha ambiental, apesar de senti-la.

Maia et al. (2007), revela que a criança busca pelo objeto perdido no meio em que a entristeceu. Por isso, o abandono tem forte papel na base dos comportamentos antissociais, resultando no sofrimento e ressentimento com a falha ambiental.

Ridley (2000), enfatiza que a família tem de ser eficiente em oferecer suporte à agressividade do adolescente que transgride as leis, dado que o lar é o local de referência e auxílio do jovem.

Justo e Buchianeri (2010) salientam que se a família não atuar adequadamente no período de deprivação e esperança, o ato torna-se mais violento, destrutivo e angustiante. A delinquência ocorre na ação da agressividade, que visa destruir, agindo como uma defesa antissocial organizada, que detém de ganhos secundários. “É um ato de apropriação à força do objeto primário, travestido pelos substitutos: ganho do controle, do poder, do dinheiro, da respeitabilidade. Um ato de anulação de qualquer reconhecimento da função paterna interditoria – da lei” (JUSTO; BUCHIANERI, 2010, p 122).

Vilhena e Maia (2002), descrevem que a agressividade destrói o meio, referindo-se aos telespectadores das ações infratoras, que ocorrem nas tentativas da criança de prover o ambiente, e, sobretudo, fere a criança que procura no meio

aquilo que lhe pertence. A agressividade permanece a mesma, entretanto, a forma que o meio a recebeu passou de criativa à reativa.

Neste sentido, percebe-se que os comportamentos antissociais são recebidos socialmente de maneira equívoca, sem um olhar preciso da problemática e que compreenda que os atos infratores são uma resposta ao meio que falhou com estes jovens, “não sendo interpretado pela sociedade como um apelo de SOS dirigido ao outro que não se percebe falhando, vai aumentando a sua intensidade, tornando-se destrutivo e violento” (VILHENA; MAIA, 2002, p. 50).

Para Winnicott (1975, p. 193) a adolescência é uma fase demarcada pelo retorno dos fracassos e sucessos da criança. Para ele, “alguns dos problemas mais atuais são próprios dos elementos positivos da educação moderna e das atitudes modernas em relação aos direitos do indivíduo”.

Segundo Vilhena e Maia (2002) na contemporaneidade, os filhos são o reflexo de seus pais. Os jovens buscam serem preenchidos por algo ou alguém, seja virtualmente, com seus colegas de internet, ou os seus heróis da mídia, para que preencham o vazio familiar.

A violência apresentada por veículos midiáticos que desperta nos telespectadores perplexidade e medo, retrata a busca do diálogo que foi rompido. Com a perda do desapego original, o jovem é suprido pelos ganhos secundários, que evidentemente causa um diálogo fracassado, praticamente impossível, entre eles e a sociedade (VILHETA; MAIA, 2002).

Para Winnicott (1946) o ato antissocial tem como esperança receber a autoridade da figura paterna. O indivíduo busca por um ambiente que lhe dê os limites que foram perdidos. Entretanto, de modo que, não receba punição, mas que ofereça o sentimento de segurança frente aos limites (apud ABRAM, 2000).

De acordo com Vilheta e Maia (2002), enquanto a criança obtiver a esperança de provisão do que lhe foi tirado, irá permanecer incomodando o meio. Justo e Buchianeri (2010, p.125) explicam que “a tendência antissocial manifesta, sobretudo, a esperança de recuperar o vínculo perdido na transição do relacionamento simbiótico com a mãe para os relacionamentos com um mundo mais ampliado e complexo, habitado por outras díades”. Por isso, é necessário interpretar a tendência antissocial como um pedido de ajuda do adolescente, em uma tentativa falha de recuperar aquilo que possuía, e que posteriormente se perdeu.

DISCUSSÃO

A pesquisa teve como objetivo geral, ampliar a compreensão do Transtorno de Personalidade Antissocial na adolescência. Para tanto, buscou-se no primeiro capítulo, abordar os aspectos típicos desse período vital, com uma perspectiva psicanalítica, por meio da identificação do conceito da adolescência, e a construção da identidade. Além disso, foi possível o resgate do histórico do transtorno, por meio do levantamento da literatura psiquiatra, em especial, de Emil Kraepelin.

No segundo capítulo, utilizou-se dos estudos à luz de D. W. Winnicott, enfatizando principalmente o seu conceito de deprivação, e as duas vertentes da conduta antissocial. A deprivação, por sua vez, ocorre quando a criança sofre pela falta de características que são essenciais no âmbito familiar. Com essa perspectiva, percebe-se os comportamentos antissociais partindo de duas facetas relativas aos pais. A primeira referente à mãe, associadas ao roubo e a mentira, e a última quanto ao pai, que aborda a destrutividade. Sendo evidente a influência do ambiente, que se constrói nas relações parentais, que é fonte importantíssima ao desenvolvimento sadio do jovem.

O primeiro objetivo específico, buscou compreender o histórico da adolescência. Foi averiguado que, a conduta antissocial, pode ser típica à adolescência, dado que este é um momento de ascensão à construção de identidade, em que há a pertinente busca de pertencimento no mundo. O adolescente atua em seu meio por decreto do questionamento e explícitas contradições, portando uma atitude reivindicatória, expresso por suas demonstrações antissociais. Esse período, demanda a redescoberta à medida do amadurecimento psicológico, fisiológico e social, afetando diretamente a sua autoimagem. Ele precisa separar-se das primeiras figuras referenciais, sendo estes, os seus pais, para se encontrar enquanto um ser único e independente no mundo.

O último objetivo específico buscou identificar comportamentos e características. Sendo evidenciado que os indivíduos antissociais possuem comportamentos impulsivos, agressivos, agindo de forma irresponsável, violenta e destrutiva. As características observadas foram uso acerbado de mentiras, roubo, despreocupação com a própria segurança ou dos outros, carecimento de remorso, indiferença com o sofrimento alheio, dentre outros. Esse indivíduo, apresenta falha em adaptar-se ao meio social, cumprimento da legalidade e as normas sociais,

levando-o a ser detido. Esses são critérios, que impulsionam um olhar de julgamento social, que é visto apenas por uma ótica midiática, caracterizando o adolescente como marginal.

A questão de pesquisa foi: como compreender os comportamentos antissociais? É visível que, as ações antissociais são interpretadas socialmente de maneira errônea, sem um olhar analítico para a questão do problema. Por isso, deve-se perceber os atos antissociais, como o modo que o adolescente supre a falha ambiental. Dessa forma, sendo expresso um comportamento agressivo, violento e destrutivo, associado a delinquência e marginalização, que cresce e se intensifica à medida que o ambiente, continuamente, falha com o adolescente. Com isso, o ato antissocial, permeia por meio da esperança, da possibilidade, de recuperar o ambiente bom. Enquanto o adolescente, tiver esperança da provisão, irá permanentemente incomodar o meio em que está inserido, uma vez que, compreende-se a conduta antissocial como um pedido de ajuda.

Os pesquisadores, Glenn, Johnson e Raine (2013) em seus estudos no campo psiquiátrico acerca do Transtorno de Personalidade Antissocial, apontaram nos resultados que, os fatores genéticos compõem aproximadamente metade da variação do comportamento antissocial, agindo como influência predominante. É necessário destacar que, o fator ambiental, tem papel fundamental restritamente na adolescência, com o desenvolvimento e manutenção das ofensas. Embora, os autores indiquem a prevalência genética, é importante considerar a porcentagem influente do ambiente.

Já para D. W. Winnicott (1987), o ambiente desempenha papel fundamental e decisivo no desenvolvimento dos comportamentos antissociais. Quando há falha ambiental, ocorre a origem da agressão patológica e violência, como a delinquência e a conduta antissocial. Uma vez que, sem a construção do sentimento de confiança relacionada à figura materna, torna-se improvável, o uso do espaço simbólico e espaço transicional.

Na perspectiva de Winnicott, a família é portadora da responsabilidade de atuar na remissão dos sintomas, e restabelecimento emocional do adolescente, com o suprimento das falhas ambientais. Para tanto, é preciso exercer a sua função social, dando abertura para a construção de um diálogo, de modo que não cause retaliação ou demande punição.

Com esse olhar, fica evidente que a origem dos comportamentos antissociais varia entre o campo de estudo. Na psiquiatria, o fator primordial para o desenvolvimento do transtorno, ocorre por meio dos aspectos biológicos, isto é, genéticos, fisiológicos e neurológicos. Enquanto na psicanálise, mais especificamente, para Winnicott, o ambiente (os pais), compõem o fator essencial para o desenvolvimento da conduta antissocial, bem como, para a manutenção dos comportamentos, caso o ambiente não atue na remissão dos sintomas.

A sociedade manifesta um olhar marginalizado em relação ao adolescente com a tendência antissocial. É nítido que, com o poder social empregado aos veículos midiáticos, e o modo que é abordado à temática, perpetua uma estigmatização do jovem “violento e delinquente”.

Com esta percepção, é improvável que se construa um diálogo entre o adolescente e a sociedade, afinal, a sociedade permanece em contínuo afastamento ao adolescente, tratando-o como um ser invisível, permitindo ser consumida pelo medo e preconceito, que parte de uma construção enraizada pela mídia. É de suma importância, considerar o contexto do indivíduo, o meio sociocultural, e quais foram às condições oferecidas pelo ambiente a este jovem, dado que, o comportamento antissocial do adolescente, apresenta-se como uma manifestação psíquica e deve ser compreendido como um pedido de ajuda frente a algo positivo que lhe foi perdido.

Sendo esse um aspecto da pesquisa, que foi brevemente apresentado, por não ser parte do delineamento central desse estudo, mas ainda assim, estar tão interligado com a temática, uma vez que, representa a atualidade, e a influência midiática acerca da representação social do adolescente delituoso. Além disso, havia poucas pesquisas, que trabalhassem a noção midiática, com aprofundamento quanto à conduta antissocial no adolescente.

Por isso, acredito que, seja importante fomentar essa discussão no âmbito social, com estudos que possibilitem a reflexões críticas acerca da temática, uma vez que é um assunto, ainda atual, e que precisa de atenção e debate.

CONDISERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou a pesquisa, constatou-se que era de suma importância a investigação da temática, uma vez que, é interesse da psicologia o aprofundamento da realidade de adolescentes com comportamentos antissociais, bem como fomentar a discussão social que está por trás do diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial. Com isso, gerenciando um distanciamento da construção midiática e estigma social, que propiciou uma aproximação com a realidade contextualizada do adolescente.

A metodologia utilizada foi de levantamento bibliográfico, por meio de livros e artigos científicos, com a contemplação de autores clássicos e contemporâneos, principalmente, com D.W. Winnicott, em suas dedicadas obras ao desbravamento dos comportamentos antissociais. A pesquisa, foi desenvolvida com base qualitativa, em que a subjetividade do pesquisador, colaborou no processo de construção do conhecimento científico. A base de dados, foi estabelecida por meio do Google Acadêmico, BVS Psi, SciELO, entre outros.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, ampliar a compreensão acerca do Transtorno de Personalidade Antissocial na adolescência. Sendo evidente na construção da pesquisa, uma visão ampliada, por meio do resgate histórico do transtorno, assim como, a identificação dos aspectos históricos provenientes da adolescência. Além, da riquíssima contribuição de Winnicott, sendo a principal fonte de conhecimento acerca dos comportamentos antissociais.

O primeiro objetivo específico, buscou compreender o histórico da adolescência no âmbito da cultura, sendo importante nesse processo, a identificação do conceito da adolescência e a construção da identidade. Para isso, foi utilizado os autores Abrastury e Knobel, com suas contribuições importantíssimas ao campo psicanalítico, que atuam no universo adolescente.

O último objetivo específico, propôs a identificação dos comportamentos e características deste transtorno. Sendo claro, o alcance dessa informação, observando um comportamento difuso, por meio do roubo e a mentira, assim como, impulsividade, violência, agressividade, violação dos direitos dos outros, com ações delituosas e ilegais.

A pesquisa partiu da hipótese de que os comportamentos antissociais são um pedido de ajuda do adolescente. Durante o desenvolvimento do trabalho descobriu-se que com a perceptível ruptura do diálogo com a sociedade, o adolescente assume uma postura antissocial, para retomar a experiência inicial boa, com isso, atua com esperança, na recuperação do objeto perdido, sendo evidente a confirmação da hipótese.

A questão de pesquisa procurou compreender os comportamentos antissociais na adolescência, sendo comprovado, a prevalência nesse ciclo vital, uma vez que, ocorre o enfrentamento de diversas transformações inerentes a este período. Foi visto que, por meio do resgate do conceito de privação, foi possível concluir que os comportamentos antissociais, são um pedido de ajuda do adolescente.

É perceptível que os comportamentos antissociais são prevalentes na adolescência. Por ser um período que demanda descobertas fisiológicas, psicológicas e sociais. À medida que o corpo amadurece, é necessária uma resignificação de sua identidade, com a ruptura de seus aspectos infantis. Esse processo exige a busca por uma ideologia para adaptar-se ao mundo. Sendo típicas as ações reivindicatórias, expressas por meio da tendência antissocial.

A perda inicial boa, é o eixo da tendência antissocial. Em que a falha ambiental é evidente para o sujeito. Esse processo, é denominado de privação, em que há o carecimento de características essenciais ao âmbito familiar. Em consequência, ocorre a distorção da personalidade do indivíduo, que impulsivamente busca curar-se em um novo ambiente. Conclui-se que, o âmbito familiar desempenha papel fundamental na vida do indivíduo. Por isso, é fundamental que a família haja na remissão dos sintomas, oferecendo diálogo e escuta ao adolescente, possibilitando a integração da sua impulsividade.

É importante ressaltar a importância de estudos que impulsionem esse aspecto social, para que se construa, um olhar analítico, e menos marginalizando ao adolescente. Que seja contextualizado, conforme a realidade do adolescente, de modo que, compreenda-se os comportamentos antissociais, sobretudo, como um o pedido de ajuda, que o adolescente não consegue comunicar verbalmente, ressaltando em muitos casos, uma estratégia protetora frente a sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott: Revinter, 2000.

BITTENCOURT, Maria Inês G. F. Conceito de psicopatia: elementos para uma definição. **Arq. Bras. Psic**, Rio de Janeiro, p. 21-34, 09 dez. 1981. Disponível em: <<https://bit.ly/3nanHpb>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/33lkM4V>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

BORDIN, Isabel As; OFFORD, David R. Transtorno da conduta e comportamento antissocial. **Rev. Bras. Psiquiatr**. São Paulo, v. 22, dez. 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/3cRErgb>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BRETAS, José Roberto da Silva et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, July 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3l443t4>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e Errância**: Destinos do Laço Social Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

DIAS, Camila; OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de; AZNAR-FARIAS, Maria. Comportamentos antissociais e delitivos em adolescentes. **Aletheia**, Canoas, n. 45, p. 101-113, dez. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2GwQfZi>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

GLENN, A. L. JOHNSON, A. K. RAINE. A. Antisocial Personality Disorder: A Current Review. **Curr Psychiatry Rep**. University Of Alabama: USA, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/36sYtw8>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: A Evolução do Conceito de Psicopatia rumo à Medicalização da Delinquência. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, June 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/36t9z4m>>. Acesso em: 17 de abr. 2020.

JUSTO, José Sterza. BUCHIANERI, Luis Guilherme Coelho. A constituição da tendência antissocial segundo Winnicott: desafios teóricos e clínicos. **Revista de Psicologia da Unesp**, São Paulo, p. 115-127, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/36x3HXI>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência e Violência**: a psicanálise na prática social. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

LONDERO, Angélica Dotto; SOUZA, Ana Paula Ramos de. Prevenção e intervenção em casos de tendência antissocial em uma perspectiva winnicottiana: alterações de linguagem como sintoma inicial da privação ambiental. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 544-554, abr. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3iiA7aJ>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

MAIA, Maria Vitória Campos Mamede et al. "Crianças 'impossíveis': quem as quer, quem se importa com elas?". **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 335-342, Aug. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/33nFVeZ>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MARTELETO, Ricardo. PIMENTA, Regina. **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2017.

MEDEIROS, Ana Paula; SANTOS, Manoel Antônio dos; BARBIERI, Valéria. Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 275-295, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3iraHrA>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MELLO, Julio Filho. **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. 2. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MORANA, Hilda Clotilde Penteado. **A Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade**: transtorno global e parcial. 2003. 167 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes et al. Quem tem medo do lobo mau? Juventude, agressividade e violência. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 677-697, Dec. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/30rZ8dB>>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

RIDLEY, M. (2000). **As Origens Da Virtude**: Um Estudo Biológico Da Solidariedade. Rio de Janeiro: Record.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, jun. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ik8dLz>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SHINE, Sidney Kiyoshi. **Psicopatia**. Brasil: Casa do Psicólogo, 2000.

SOUZA FILHO, Edson Alves de; BELDARRAIN-DURANDEGUI, Angel. Influência social na vida familiar: grupo étnico e relações interculturais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 7-16, Apr. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2GjilXV>>. Acesso em: 13 set. 2020.

VILHENA, Junia de; MAIA, Maria Vitória. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 27-58, set. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2SjxRpi>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas**. Trad. D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.